ASSOCIATIVISMO ESPANHOL/GALEGO NO RIO DE JANEIRO: CONFLITOS, VISIBILIDADE E LIDERANÇAS ÉTNICAS

ÉRICA SARMIENTO

O apoio assistencialista era uma prática comum nos países com altos índices de imigração. Quando os estrangeiros passavam a ser um grupo numeroso e conquistavam certa posição econômica e social na sociedade de recepção, eles tendiam a se unir em associações com fins assistencialistas ou culturais, com o objetivo de preservar seus valores e tradições, fornecer apoio econômico tanto no país de origem como no de acolhida e de reivindicar determinados direitos na sociedade de imigração.

Segundo explica Devoto [1]:

> "En realidad, el fenómeno del mutualismo era prácticamente universal entre los inmigrantes en todos los países, en tanto esas entidades proveían sus necesidades básicas. Esquemáticamente sus objetivos eran tres: cobertura médica, que incluía desde atención hasta medicamentos; sepelio que abarcaba desde derecho al panteón social hasta la provisión de una comisión de socios y a veces banda de música desde fiestas y reuniones sociales hasta juego recreativos".

Na Argentina, a liderança étnica, através da projeção social dos líderes nas associações mutualistas, junto com as redes sociais, era a via de entrada para a participação política dos espanhóis, além de abrir possibilidades de ascensão social tanto na sociedade receptora como na de origem [2]. No caso do Rio de Janeiro, a maior e mais importante associação assistencialista vinculada à imigração espanhola foi, sem dúvida, o Hospital Espanhol. Fundado no ano de

1 DEVOTO, 2003: 242.
2 DA ORDEM, 1999: 171.

1859, permanecendo até os dias atuais, a sua antiguidade demonstra a presença de espanhóis na sociedade carioca antes mesmo do período da chamada Primeira Grande Imigração. É a representação de uma liderança étnica que já se constituía a ponto de criar uma instituição com fins mutualistas.

Nas atas do Hospital Espanhol encontramos as discussões e conflitos de uma coletividade ansiosa por conquistar o seu espaço na sociedade carioca e de demonstrar a sua importância e capacidade de articulação no seio da comunidade espanhola. O desejo das lideranças em obter visibilidade e de solucionar os problemas enfrentados pela comunidade, não se limitava somente à sociedade de acolhida, o Estado espanhol também era alvo dos discursos flamantes das assembléias da Juntas Diretivas. No livro de Memória, apresentado no ano de 1881, e escrito pelo, na época, presidente Manuel Diego Santos (galego originário do município de Vigo, província de Pontevedra), o Estado espanhol era objeto constante de enfrentamento nos discursos com tom patriótico, proferidos nas assembléias:

> "El digno socio Sr. D. Leandro Sánchez después de tantos servicios como ha prestado no solo confeccionando gratis cuantas recetas le presentan con el nombre de la sociedad, ya contribuyendo con socorros pecuniarios para los pobres de nuestra nacionalidad. Para servicio tan desinteresado no veo por nuestra parte otro premio que nuestra eterna gratitud, y aguardemos el dia en que el gobierno de S.M, (...) que tiene en este vasto Imperio 20,000 subditos que si por desgracia tubieran que abrigarse al poder oficial de su nacionalidad, sería dudosa su suerte" [3].

Este trecho define bem o papel da Beneficência Espanhola dentro da sociedade carioca: oferecer apoio e amparo àqueles imigrantes sem condições econômicas para receber um atendimento hospitalar. Nessa memória, aparecem os nomes de vários sócios, principalmente médicos e profissionais da área da saúde, que contribuíram, de forma gratuita, com a instituição, doando seus serviços e exercendo tarefas, que, segundo os sócios, deveriam ser de responsabilidade do Estado espanhol. Vale a pena ressaltar, abrindo um parênteses, que a imigração espanhola na cidade do Rio de Janeiro está formada majoritariamente por

3 AHERJ. *Memoria de la Sociedad Española de Beneficencia*, apresentada na assembléia geral do dia 17 de abril de 1881 pelo presidente Manuel Diego Santos. O texto foi transcrito literalmente. Os erros de ortografia já estavam presentes no texto original. O sublinhado é nosso.

imigrantes de origem galega. Assim como o presidente Manuel Diego Santos, outros diretivos e sócios também procediam de diversos municípios galegos, principalmente da província de Pontevedra e Ourense [4].

A Beneficência Espanhola é uma instituição de caráter filantrópico que depende da mensalidade e contribuição de seus sócios para manter os seus serviços. Por isso, em vários trechos escritos na Memória, os diretores fazem questão de enfatizar o perfil independente da instituição em relação ao Governo espanhol. Reforçam, a todo instante, a solidariedade de seus sócios, jamais mencionando, entre os agradecimentos e homenagens, a colaboração de algum órgão oficial, como por exemplo, o Consulado espanhol do Rio de Janeiro:

> "Podemos decir con orgullo que nuestra sociedad en relación al número de sus miembros y capital es hoy la mas rica de Rio de Janeiro, esto debido á la gran constancia de muchos de sus miembros y á la generosidad de los caballeros que diariamente nos ofrecen sus servicio" [5].

As contínuas reclamações da falta de participação da comunidade espanhola foram registradas através de um discurso onde se acusa os espanhóis de falta de patriotismo:

> "Como siempre, continuaré diciendo que el patriotismo de los Españoles en esta capital está muy lejos de lo que debia ser, y Dios quiera que los directores que nos sucedan, cojan en este terreno mejores frutos que recompensen sus refuerzos" [6].

Apesar do Hospital Espanhol oferecer assistência sanitária, era necessário pagar uma mensalidade que nem todos os imigrantes podiam custear. Certamente, uma grande maioria dos galegos do Rio de Janeiro não participava das associações étnicas. No caso das associações argentinas, por exemplo, as grandes entidades mutualistas de âmbito territorial galaico, como o Centro Galego de Buenos Aires, contavam somente com um escasso 20% do total de galegos residentes na capital argentina [7]. Nos estudos de Alejandro Fernández sobre os galegos dentro

4 SARMIENTO, Érica, 2006.

5 AHERJ. Memoria de la Sociedad Española. Ano de 1881., p.10.

6 AHERJ. Memoria de la Sociedad Española. Ano de 1881, p.10.

7 NÚÑEZ SEIXAS, 1998: 107.

do associativismo espanhol na Argentina, o autor explica que as instituições espanholas de ajuda mútua

> "... que no se definían por la pertenencia a un oficio determinado, tendía a captar con menor asiduidad a los estratos compuestos por los obreros cualificados y por trabajadores poco cualificados del sector terciario, lo cual acaso se explique por las resistencias que en los primeros podía despertar la pertenencia a un tipo de entidades que tendía a ser dirigida y controlada por otros sectores y por la baja propensión de los segundos a integrarse de manera estable en cualquier estructura asociativa" [8].

As associações assistencialistas, dessa forma, podiam exercer uma dupla função: ao mesmo tempo em que ajudavam, também limitavam a entrada de sócios. Exemplifiquemos dois casos antagônicos encontrados nas fichas de matrículas dos sócios do Hospital Espanhol: um deles, Maximino Parada, de A Coruña, deu-se de baixa no ano de 1903, regressando para a Galiza com a passagem paga pela Beneficência Espanhola; outro, como Amado González Simón (Arbo-Pontevedra), matriculado em 1917, deixou a instituição no ano de 1919, para regressar em 1921, depois de haver efetuado os pagos das mensalidades atrasadas. Os sócios que não pagavam as cotas no prazo tinham algumas observações acrescentadas junto aos seus dados pessoais, como aparece na ficha de Antonio da Silva (Salvaterra do Miño), com a observação "não ingressou nenhum dinheiro de 1870 a 1884"; ou a de Domingos Costa Saboya (Pontevedra) que é ainda mais contundente: "No ingresó y fue engaño en matricularlo". Os sócios tinham que cumprir com suas obrigações, já que a sobrevivência da instituição dependia deles.

A falta de participação e os problemas existentes dentro da comunidade espanhola vão além dos limites do Hospital Espanhol. Junto com várias outras atas e livros de matrícula estavam as do comitê organizador do Centro Espanhol, uma associação fundada em 1927, de caráter recreativo e cultural e com projetos de criação de setores vinculados às áreas científicas e literárias. Na assembléia do dia 28 de agosto de 1927, realizada para discutir sobre a fundação do Centro Espanhol no Rio de Janeiro, aparece o discurso patriótico do presidente, Aurelio Claro Ferrer, explicando os motivos do desinteresse da colônia espanhola em suas associações:

8 FERNÁNDEZ, 2001: 146.

> "Dos que han sido hasta ahora los males grandes que nos han aquejado: la apatía de los unos y las pequeñas pasiones de los otros. El primero de los dos males, tal vez consecuencia en mucha parte del segundo, porque los sanos, los buenos, los que tienen siempre el alma, el esfuerzo, el bolsillo, porque no decirlo? – ya que tanto cuenta el bolsillo en estos tiempos – a la disposición de toda obra española, esos se retraen llenos de escepticismo y de amargura, cuando ven que los afanes que ellos pusieron solo han servido para crear núcleos rivales o para exigir pedestales inconvenientes" [9].

O objetivo principal do Centro Español era "estrechar las relaciones de afecto entre los españoles, fomentar su convivencia, y procurar que entre ellos exista la mas cordial inteligencia". As únicas atas encontradas foram as correspondentes ao período de 1927 e 1928, os anos da fundação. Já nas últimas assembléias, no ano de 1928, começaram a surgir conflitos entre os membros da diretoria, que não queriam assumir as responsabilidades dos cargos (os motivos não estão explícitos na ata) e discussões em torno do problema do valor das cotas que deveriam ser pagas mensalmente. O problema das mensalidades foi o fator determinante para a falta de sócios no Centro Espanhol.

Não foi possível desvendar que fim levou o Centro Espanhol, nem definir, ao certo, o tempo de sua existência. O que a leitura das atas deixa à mostra é o desentendimento entre os seus membros, os problemas econômicos que já ocorriam desde antes de sua fundação e a tentativa dos seus diretores de unir os espanhóis e mostrar para a sociedade o valor dos seus emigrantes. O discurso que vem a seguir demonstra o empenho de suas lideranças de mostrar a qualidade do coletivo espanhol:

> "Ese Centro Español, señores, debe ser el punto de partida de una nueva era colonial en la que nuestro nombre, nuestro prestigio y nuestra influencia se dejen sentir como cumple a una colectividad que por su calidad y por su número tiene no solo el derecho sino el deber de figurar como la primera donde estén las primeras" [10].

9 AHERJ. Centro Español: actas del comitê organizador, junta directiva provisional, asambleas generales, años 1927-1928. Ata específica do dia 28 de agosto.

10 AHERJ. Ata do dia 28 de agosto de 1927.

No que se refere aos discursos das associações étnicas, de forma geral, devemos analisá-los com muita precaução. As frases, dotadas de patriotismo, eram frequentes nos dicursos que envolviam as assembléias. Havia que apelar ao sentimento de identidade e de coletividade para unir o grupo em torno de um mesmo ideal, mas, em que medida essas instituições do começo do século XX conseguiram atingir a "massa" de galegos ambulantes, caixeiros, camareiros, que viviam dispersos pelo centro do Rio, buscando um lugar ao sol? Teriam esses imigrantes realmente conhecimento, dinheiro, ou tempo, depois de longas jornadas de trabalho, para se dedicarem a uma associação como o Centro Espanhol? Sabiam realmente da existência dela? As respostas podem ser encontradas nos próprios discursos: "Nuestro nombre, nuestro prestigio y nuestra influencia", "los que tienen siempre el alma, el esfuerzo, el bolsillo, ¿porque no decirlo? – ya que tanto cuenta el bolsillo en estos tiempos – a la disposición de toda obra española".

Primeiramente, está claro, que no inicio do século XX, já havia uma coletividade galega numerosa e formada por indivíduos que alcançaram um poder econômico e que estavam desejando um reconhecimento social. Um dos degraus para chegar a essa ascensão social era através das associações. Os membros da diretoria ganhavam uma visibilidade tanto dentro do coletivo galego como na sociedade brasileira. Poderiam perfeitamente utilizar as necessidades dos seus patrícios em prol dos interesses individuais. Como esclarece Fernando Devoto [11]:

> "El problema del asociacionismo de los inmigrantes no se resuelve indagando solamente las necesidades y aspiraciones de los migrantes. Hay que detenerse también en aquellos de los grupos dirigentes. Éstos fueron los que crearon muchas de las instituciones centrales y al hacerlo perseguían propósitos que en parte eran semejantes y en parte eran diferentes de los mismos anónimos inmigrantes. El prestigio social que daba el título de presidente de una de estas entidades, o incluso de miembro de su comisión directiva, las posibilidades de interacción con las autoridades consulares del país de origen que brindaban, la visibilidad en los actos públicos que se hacían en el radio de acción de las mismas constituían reconocimientos ambicionados, aunque nos puedan parecer modestos y a veces un poco patético".

11 DEVOTO, 2003: 245.

O historiador Núñez Seixas explica e delimita a respeito dos tipos de lideranças étnicas utilizadas para os imigrantes galegos na América, tais como a liderança interna e a de projeção. A primeira consiste em um tipo de liderança que nasce dentro do grupo étnico e se desenvolve dentro dele, a partir de indivíduos que, teoricamente, chegam ao continente americano em uma situação relativamente parecida (por exemplo, filhos de camponeses que chegam sem recursos) e que, graças a sua ascensão social e o seu trabalho de porta-vozes do grupo, se convertem tanto em seus representantes como em seus defensores mediante o exterior. Já a liderança de projeção se refere àqueles indivíduos que adquirem uma audiência superior ao do grupo que são identificados e que, de fato, se movimentam às margens dele, ou simplesmente mantêm uma vinculação débil ou um envolvimento meramente simbólico [12].

Um caso bastante representativo de projeção dentro da comunidade espanhola/galega e da brasileira foi o do imigrante José Hermida Pazos, do concelho de Pontecaldelas (Pontevedra), dono de fábricas de óticas no Rio de Janeiro. Tanto ele, como o seu sócio e chefe, o português José Maria dos Reis, atuaram ativamente em cargos de diretoria dos Hospitais de seus países, no Rio de Janeiro. Também participaram em associações brasileiras ligadas à indústria, além de pertencerem à irmandades religiosas. Hermida Pazos e Reis foram corretores jubilados da Ordem Terceira de Nossa Senhora da Conceição e Boa Morte. As suas oficinas, situadas na Rua Buenos Aires n.º 63, 65, 67, 69 e 71, encontravam-se instaladas em prédios pertencentes à referida Ordem. Essas irmandades desempenhavam diversos papéis ligados à execução e fiscalização de ofícios, além de funcionarem como bancos e defenderem os interesses de diversas corporações de ofícios [13]. Outra irmandade, A Nossa Senhora do Monte do Carmo, da qual também fazia parte José Maria e José Hermida, acolheu ao imigrante Francisco Mouro Castro, de Santa Comba (A Coruña). Nos seus documentos pessoais, encontramos uma espécie de certificado, do ano de 1916, onde um jovem Francisco, com 26 anos de idade, pagava uma quantia de 305$000 réis para fazer parte do noviciado. Certamente era uma cota que nem todos podiam ou estavam interessados em pagar [14].

Quando a situação econômica era favorecedora não bastava somente se inscrever nas associações espanholas, era necessário integrar-se também na elite brasileira. No caso do imigrante José Hermida Pazos, a sua projeção social, a de um industrial

12 NÚÑEZ SEIXAS, 2003: 355-356.

13 PITA FREITAS, 1986: 49.

14 Arquivo familiar de Albina López, neta de Francisco Mouro Castro.

que fazia parte dos círculos intelectuais brasileiros, seguramente foi um ponto de apoio importante para a instituição espanhola, que contava com um personagem ilustre que transpassava os círculos galegos e que gozava de prestígio na sociedade carioca. Esses imigrantes pioneiros contribuíam com recursos econômicos para a instituição, além de ajudar na inserção socioprofissional de patrícios recém-chegados e apoiar aqueles que haviam conseguido ascender economicamente, mas que buscavam também uma projeção social na sociedade carioca.

A colônia galega crescia, prosperava e seus membros começavam a sentir necessidade de formar um centro recreativo onde pudessem não só se relacionarem entre si como tornarem-se visíveis frente à sociedade brasileira. Os dirigentes já haviam alcançado uma posição sócieconômica e pretendiam consolidá-la através do poder e prestígio que lhes podia dar a atuação em instituições da sua coletividade [15]. O Hospital Espanhol, ainda que formado majoritariamente por galegos, era uma instituição de assistência médica. Era preciso abrir uma nova porta que se comunicasse principalmente com o Brasil e a Espanha, mostrando o lado mais intelectual da colônia.

> "Pide la palabra el Sr. Bautista Segundo Triarte que dice crée contar con la buena fé y cooperación de todos para la idea sublime de la creación de un Centro Galaico; dice además que ayudándole el Centro tendrá un Presidente enérgico y sabrá corresponder a las exigencias de un Centro de alta escala, que el patriotismo es grande y que eso es lo suficiente para llevar á cabo esa idea santa, recuerdo de nuestra querida e inolvidable Patria" [16].

Acreditamos que esses líderes do Centro Galego eram homens de negócios com uma projeção socioeconômica e representatividade dentro da comunidade galega no Rio de Janeiro. Segundo afirma Núnez Seixas, os líderes étnicos não só possuem um carisma pessoal, "sino que éste viene dado por disfrutar de uma mayor experiencia profesional, asociativa, política, periodística u oratoria en la sociedad de origen o en la de destino, y que por tanto son susceptibles de aportar recursos inmateriales

15 DA ORDEN, 1999: 170.

16 AHERJ. Ata do dia 23 de novembro de 1899, p.3. CENTRO GALEGO. Libro de actas de reuniones preparatorias para su fundación. Asambleas y sesiones de Junta Directiva de 29 de octubre de 1899 a 7 de enero de 1909.

a las empresas colectivas [17]". A maioria deles já pertenciam a uma associação – o Hospital Espanhol – e alguns haviam até exercido cargos diretivos antes de fazerem parte do Centro Galego. Esses líderes étnicos, graças a acensão econômica e social, se converteram em representantes e defensores da sua comunidade. Nesse tipo de liderança, chamada "interna", os líderes são responsáveis por realizar uma série de tarefas como: proporcionar serviços econômicos a coletividade de imigrantes, servir de catalizadores da sociabilidade de grupo, favorecendo a comunicação tanto formal (imprensa, festas, comemorações) como informais (tertúlias, reuniões, lugares de socialização), a defesa do país ou do seu lugar de origem; o progresso ou avanço da coletividade étnica, cuidando do seu prestígio e respeitabilidade [18].

Por exemplo, o primeiro presidente do Centro Galego, Segundo Bautista Triarte, originário do concelho de Porriño (Pontevedra), quando assumiu a presidência já era um imigrante com uma boa posição econômica. Na sua matrícula do Hospital Espanhol, do ano de 1895, Bautista Triarte aparece como "industrial" e com título de sócio distinguido [19]. Outro presidente do Centro Galego foi José Blanco Ameijeiras. Temos, aqui, um caso de líder étnico procedente de um concelho de grande tradição migratória no Rio de Janeiro: Santa Comba.

A trajetória de Segundo Bautista Triarte no Hospital Espanhol foi imparável: obteve o título de sócio *Gran Benemérito* no ano de 1918 e foi presidente da instituição em duas ocasiões, no ano de 1905 e entre 1906 e 1909. A profissão exercida, a de comerciante (ainda que não sabemos em que setor), demonstra a trajetória profissional dos líderes étnicos, que ascendiam economicamente na sociedade receptora. Cruzando fontes do Rio de Janeiro e da Galiza, encontramos na documentação municipal de Santa Comba, nos livros de Censo do ano de 1904, o imigrante Blanco Ameijeiras. Ele aparecia como lavrador, o que comprova a mobilidade socioeconômica do imigrante dentro da sociedade carioca e dentro da comunidade galega no Rio de Janeiro [20].

No ano de 1922, no salão de atos do Hospital Espanhol, encontrava-se uma placa em homenagem aos sócios do Centro Galego do ano de 1922, mas especificamente ao membros da *Junta Directiva* desse mesmo ano, "por haber realizado com titánico esfuerzo la construcción de nuestro edificio social inaugurado el 29 de julio de 1922". O presidente do Centro Galego era Francisco González Romar, da

17 NÚÑEZ SEIXAS, 2003: 361.

18 NÚÑEZ SEIXAS, 2003: 355.

19

20

paróquia de Arantón (Santa Comba), um imigrante cuja cadeia familiar, formada por 11 pessoas (10 irmãos e um sobrinho), foi reconstruída através dos livros de censo do concelho de Santa Comba desde o ano de 1904 até 1960 [21]. Essa cadeia familiar, cujo pioneiro seria Francisco González Romar, fazia parte das redes de *paisanagem* do concelho de Santa Comba no Rio de Janeiro. Quando Francisco G. Romar se inscreveu no Hospital Espanhol, no ano de 1903, com somente 19 anos de idade e exercendo a profissão de doméstico, ele vivia na rua da Ajuda, n.º 60, uma das ruas mais representativas da imigração galega no Rio de Janeiro.

Entre os membros da diretoria do Centro Galego do ano de 1922, formado por 15 sócios, predominava claramente os concelhos de maior imigração no Rio de Janeiro. Encontramos, ademais do presidente, do Concelho de Santa Comba, outros dois sócios desse mesmo concelho, além de seis procedentes de muinicípios de Pontevedra, como As Neves, Cotobade e Redondela. Desse último município, estava Avelino Sotelino Fontán, que junto com o irmão, Angel, tinha um negócio de malas na Rua da Carioca, reduto dos imigrantes do Concelho de Redondela no começo do século XX. Os cargos diretivos e membros da Junta Diretiva do Centro Galego, ainda que seja impossível acompanhar a trajetória de cada um deles, estavam formados, em sua maioria, por imigrantes que pertenciam a cadeias migratórias antigas, que remontam ao século XIX, e a concelhos com tradição migratória a Rio de Janeiro. Eram indivíduos que se destacaram por sua trajetória profissional, majoritariamente ligados ao comércio, e que tiveram cargos importantes no Hospital Espanhol. Obviamente, não podemos generalizar, já que conhecemos a história de imigrantes que participaram ativamente na coletividade galega no Rio de Janeiro, mas que não ascenderam economicamente. Esse foi o caso de Serafin Cabadas Pombo, 2.º Secretário do Centro Galego no ano de 1922, do concelho de Pazos de Borbén (Pontevedra), que segundo palavras de M. M. B., um dos sócios-fundadores da instituição Recreio dos Anciãos [22]:

> "Ele foi empregado toda a vida, nunca teve negócio. Toda a vida foi empregado. Era muito querido da colônia, muito querido mesmo, então é...ele não tinha... Ele morava por favor num apartamento de um português amigo dele que viveu ali na Praça da Bandeira, tinha um apartamento, chamava ele: "Ó Pombo, enquanto você viver tem

21

22

> aqui uma casinha (uma casinha de vila, pobrezinha, pequena, né?), enquanto você viver tem casa aquí para você".

O Centro Galego, em realidade, foi uma espécie de prolongação da Beneficência Espanhola, ainda que ambas tinham suas respectivas diretorias e celebravam suas assembléias de forma independente. As primeiras reuniões foram feitas nas salas da Beneficência, quando esta ainda funcionava na Rua da Carioca, no ano de 1899. Mesmo quando o Centro Galego resolveu alugar uma sede própria, preferiu as salas das novas dependências do Hospital, que já havia mudado para a Rua da Constituição.

Uma das questões que se encontrava na pauta das reuniões do Centro Galego tambem era a questão das mensalidades. Havia uma barreira que se interpôs desde o princípio da fundação da instituição: as mensalidades e o número de sócios.

> "El Sr. Tesorero D. Manuel García Rivas dice; a pesar de los dos meses y pocos días que esta administración guía los destinos del Centro Gallego, puedo manifestar á la distinguida Asamblea, que el estado financiero de la Sociedad es lisonjero; es verdad que el número de socios no es el que debiera de ser, ni aún el que se precisa para poder trabajar con holgura y para darle vida propia ó futuros progresos á la sociedad, pero si todos nos empeñamos en proponer socios y trabajamos con armonía haciéndolo caso omiso de rencillas antiguas ó presentes, y si especialmente nos cuidamos de proponer socios gallegos, tendremos una sociedad que en muy poco tiempo podrá ser un coloso, deberá de ser un gran elemento en todo y para todo" [23].

Quem não podia pagar as cotas exigidas pelos membros da diretoria? A mesma pergunta foi feita por um dos diretores, na assembléia do dia 7 de março de 1903, questionando o porquê da baixa participação da comunidade galega no Centro:

> "*¿Porqué todos unidos no hemos de hacer llegar este Centro á la altura de los de Madrid,* Méjico, Habana y otros muchos que descuellan por su gran poderío?

23

> En esta capital tenemos miles y miles de gallegos que pueden ser socios, ¿quién es él que no puede contribuir con cinco mil réis? Sólo aquél que se halla enfermo, porque generalmente todos trabajan para poder hacer tan pequeño sacrificio.
> Como todos sabemos esta Sociedad no es solo para servir de recreo pues tiene otros fines mucho mas elevados que tenemos de cuidar y para los cuales pedimos á los socios que á fin de llevarlos adelante propongan socios activos y así podremos tener una sociedad que no sólo sea recreativa sino que preste otros servicios que sean de más utilidad" [24].

Cinco mil réis. Essa era a taxa que deveriam pagar os sócios para levar adiante o Centro Galego. Os diretores estavam convencidos de que havia uma comunidade galega numerosa no Rio de Janeiro que podia fazer um pequeno sacrifício e arcar com os gastos da instituição. Mas quanto ganhava um trabalhador no começo do século XX? Um pedreiro ganhava uma diária de 7$ a 9$ (réis), um carpinteiro, de 8$ a 10$, um canteiro, de 9$ a 12$, um calceteiro, de 4$ a 5$, um servente, de 3$ a 4$ e trabalhadores diversos, de 3$ a 5$. Somente os alojamentos custavam, como mínimo, 20$ mensais. Para um trabalhador assalariado, pagar a cota de sócio não representava somente um pequeno sacrifício, significava dispor de uma parte da sua economia. Quanto aos pequenos comerciantes, a situação não era diferente. Apesar do comércio ser uma das formas mais rápidas e seguras de ascender economicamente, necessitava-se de, no mínimo, um período de 3 anos para recuperar o investimento.

Um pequeno comerciante, um indivíduo de classe média ou um empregado assalariado que se movia no espaço carioca dos setores mais baixos da população via-se limitado a manter as suas economias e viver as dificuldades cotidianas de qualquer estrangeiro num país desconhecido. Muitos desses homens haviam deixado suas famílias e propriedades nos seus lugares de origem, e pensavam, algum dia, em retornar com as economias de anos de trabalho. Dessa forma, uma sociedade étnica cujo único objetivo era reunir um grupo em torno a discursos patrióticos e empreender atividades literárias e científicas, não condizia muito com a árdua realidade desses imigrantes.

24

Uma das hipóteses defendidas, durante muitos anos acerca da falta de estudos sobre a imigração espanhola foi a de Avelina Martínez Gallego [25]. A autora analisa a imigração espanhola em São Paulo como um fenômeno desprovido de marcas culturais. Gallego enfoca os problemas da falta de visibilidade da imigração espanhola desde a relação Estado Espanhol-Sociedade e Cultura Espanhola-, alegando que o sentimento regional seria muito mais forte que o nacional e que a falta de apoio das autoridades políticas, como o Consulado Espanhol, fez com que muitos imigrantes não tivessem suficiente interesse em buscar apoio nas instituições oficiais. As sociedades espanholas ou galegas, nos anos da Guerra Civil espanhola, se dividiam por questões políticas, entre nacionalistas e republicanos. Ademais, a autora também afirma que não houve um intelectual orgânico que, no começo do século XX, deixasse uma herança documental para posteriores trabalhos bibliográficos, tal como sucedeu no caso dos italianos. Todos esses fatores contribuiriam, assim, para a questão da invisibilidade espanhola; da forma como esse coletivo era visto pela sociedade brasileira, ou de que maneira os seus signos de identidade (língua, música e outras manifestações culturais) deixaram marcas evidentes que pudessem diferenciá-los de outros grupos. Se a união faz a força, está claro que os espanhóis não cumpriram com esse ditado.

Há uma parte de razão em tudo isso. Para construir uma comunidade sólida desde o ponto de vista político e social é importante o apoio do seu país de origem e também de imigrantes já estabelecidos na sociedade. Mas, se o Estado Espanhol não apoiou os seus imigrantes e, por outro lado, as associações não se mantinham em pé por conflitos político e ideológicos entre os seus membros, de que maneira podemos construir a história dos galegos no Rio de Janeiro?

Através do seu cotidiano, das suas atividades, dos lugares onde viveram e trabalharam. Por um lado, uma parte dos imigrantes atravessava o atlântico através de Portugal ou imigrava de maneira clandestina com documentos falsos, as autoridades consulares podiam oferecer pouca ajuda; por outro lado, as profissões e as ruas onde viveram os galegos no começo do século passado dizem muito deles mesmos. Descrevem-nos uma imigração de trabalhadores do setor terciário e da hotelaria que ganhavam a vida competindo com portugueses, italianos e brasileiros. Enfim, uma imigração de comerciantes, donos de botequins e também de alguns artesãos, que colheu seus frutos na segunda imigração massiva, quando os hoteleiros galegos (o setor mais próspero) se constituíram numa sólida elite

25 MARTÍNEZ GALLEGO, 1995: 57.

que ainda pervive nos dias atuais. No começo do século XX, não havia uma coletividade intelectual numerosa com aspirações políticas, mas sim, formada por camponeses que se adaptaram a um ritmo de vida urbano totalmente diferente aquele a qual estavam acostumados nas suas aldeias. Esses camponeses não estavam desprovidos de cultura e aspirações, nem eram imperceptíveis perante a sociedade brasileira, simplesmente tinham outros objetivos.

Com essas características da imigração galega, o mais provável é que houvesse poucos indivíduos com alto poder aquisitivo ou dispostos a formar inúmeras associações, o que não significa que suas características culturais ou sua participação na sociedade carioca e dentro da sua própria comunidade fossem inexistente. Encontrar as manifestações culturais das pessoas comuns é mais difícil que identificar líderes sindicais estrangeiros que se destacaram em greves e movimentos sindicais, ou imigrantes enriquecidos.

Se analisarmos a vida de pequenos comerciantes e trabalhadores, cujas histórias só é possível encontrar nos arquivos familiares, sua prioridade inicial não era a de estarem agrupados em associações, mas de construir redes de solidariedade que primeiramente pudessem apoiá-los nas questões básicas do cotidiano, como o trabalho e a moradia e, conseqüentemente, segundo sua trajetória profissional, criar uma perspectiva de retorno. E essas redes, formadas por vizinhos, parentes ou patrícios, estavam diluídas no cotidiano da cidade e se mantinham através de contatos informais, das cartas enviadas à Espanha ou dos retornos definitivos ou temporários às aldeias de origem. Nas cadeias migratórias se reproduziu a identidade espanhola e galega do começo do século, ainda que, obviamente, não descartamos, nem inferiorizamos a existência e a importância das associações na vida dos imigrantes.

Quanto à visibilidade, é uma questão, muitas vezes, de determinismos históricos e desde que perspectiva se aborda o processo imigratório. Se tratarmos a história da imigração a partir das questões consideradas importantes para a maioria dos imigrantes, ou seja, desde os objetivos primordiais dos protagonistas, e não desde os temas mais atraentes e com maior destaque para a historiografia, veremos que não necessariamente eles atuavam nas associações para serem visíveis, nem para alcançar um prestígio social importante na sociedade receptora. É uma visibilidade que não se destaca por atos heróicos, mas pela presença de homens comuns que ganham um rosto através da união de todas as suas histórias. Como tudo o que rodeia a cotidianidade, a importância da história de cada indivíduo está nas suas atividades mais comuns, em certos objetivos, às vezes, imperceptíveis.

O fato de não se sobressaírem intelectualmente na sociedade de recepção, não significa que não eram vistos pela sociedade brasileira. Quem os via, também não tinha uma visibilidade para a história. Referimos-nos aqui aos brasileiros, aos africanos e estrangeiros pobres que conviviam com os espanhóis/galegos. Eram eles que estabeleciam relações com os imigrantes diariamente e que percebiam as suas diferenças culturais. A dispersão por diversos bairros e ruas do Rio de Janeiro e o tipo de trabalho que exerciam os galegos, obrigatoriamente, criava um contato mais direto com as camadas populares. Os galegos não recusaram trabalhos com brasileiros, nem com portugueses, nem se concentraram em um único ramo comercial. Existem umas características claras da imigração galega, isso é inegável, mas, ao mesmo tempo, estas não são suficientemente inflexíveis como para construir estereótipos ou enclausurá-los dentro da sociedade brasileira como uma coletividade isolada.

Se não recuperamos histórias particulares, através de fontes orais, cartas, ou de fontes nominativas que nos contem informações sobre a vida dessas pessoas comuns, a imigração se limitaria ao que nos contam as atas das sociedades étnicas ou à vida de alguns indivíduos prestigiosos. Nas atas das associações é mais fácil perceber os anseios da coletividade galega (ou de uma parte dela), porque estão escritos, estão visíveis. Mas para a grande massa de imigrantes trabalhadores do começo do século XX, importaria realmente os discursos patrióticos ou os desejos de uma elite? Identificavam-se com a Espanha ou a Galiza criada por essas associações? As diferenças culturais e econômicas são fatores que afastam os indivíduos, criam barreiras entre as suas expectativas, independentemente da sua nacionalidade. Podia ser muito mais favorecedor reunir-se com vizinhos da mesma classe social, no que diz respeito a atos festivos, que com os imigrantes enriquecidos.

Foi o caso dos imigrantes da paróquia de Vide, do concelho de As Neves (Pontevedra). Nas décadas de 1950 e 1960, nas instalações do Restaurante "Bolero", no Rio de Janeiro, reuniram-se cerca de 40 imigrantes dessa localidade, para celebrar a festa da sua padroeira, Nossa Senhora da Assunção. Era uma forma de se reunirem e de seguirem uma antiga tradição, trazida desde a sua aldeia natal. Podemos dizer que era uma "sociedade" paroquial, à modo informal, que não tinha nenhuma obrigação com estatutos, com pagamento de cotas ou com interesses de projeção social. Era uma rede imigratória suficientemente numerosa para preservar e continuar seus laços afetivos e culturais fora da Galiza [26].

26 Os dados foram extraídos da entrevista e das fotos cedidas gentilmente pelo imigrante Francisco Fernández Costa, no ano de 2002.

As sociedades microterritoriais [27], que é um campo rico na história da imigração galega na Argentina, não foram tão frutíferas no Rio de Janeiro. Os imigrantes mais antigos que entrevistamos não nos deram nenhuma pista sobre o tema, desconheciam a existência de sociedades em nível paroquial ou municipal. Predominaram as associações nacionais ou regionais, como o Hospital Espanhol, o Centro Galego (posterior Casa de Galicia) e as mais recentes, como a Casa de España. Essa carência de documentação nos impediu de estudar as relações a nível micro, como podem ser os contatos entre as paróquias/municípios com os imigrantes, as cadeias migratórias e as ajudas econômicas ou obras beneficentes das associações na sociedade de origem.

As associações espanholas foram palco de lutas, conflitos e embates da comunidade no Rio de Janeiro. As páginas das atas e livros de memórias do Hospital Espanhol e do Centro Galego refletem os anseios e desejos de se criar uma identidade na sociedade carioca, ao mesmo tempo, deixam entrever as disputas político-ideológicas de seus líderes, divididos entre os problemas que assolavam a Espanha e o Brasil.

27 Sobre as sociedades microterritoriais na Argentina, vid. NÚÑEZ SEIXAS, 1998.

BIBLIOGRAFIA

BERNASCONI, Alicia; FRID, Carina, 2006 – *De Europa a las Américas. Dirigentes y liderazgos (1880-1960)*. Buenos Aires: Biblos.

DA ORDEN, Maria Liliana, 1999 – "Liderazgo étnico y redes sociales: una aproximación a la participación política de los españoles en la Argentina, 1880-1912", in FERNANDÉZ, Alejandro E., MOYA, José (eds.), *La inmigración española en la Argentina*. Buenos Aires: Biblos.

DEVOTO, Fernando, 2003 – *Historia de la inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.

FERNÁNDEZ, Alejandro E., 2001 – "Los galegos dentro de la coletictividad y las asociaciones españolas en el primer tercio del siglo XX", in SEIXAS, Xosé Manuel Nuñez (ed.), *La Galicia austral*. Buenos Aires: Biblos.

MARTÍNEZ GALLEGO, Avelina, 1995 – *Espanhóis*. São Paulo: CEM.

NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel, 1998 – *Emigrantes, caciques e indianos*. Vigo: Xerais.

NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel, 2003 – "Liderazgo étnico en comunidades emigrantes: algunas reflexiones", in ALBORNOZ, Nicolás Sánchez, LLORDÉN, Moisés (eds.), *Migraciones iberoamericanas. Reflexiones sobre economía, política y sociedad*. Asturias: Fundación Archivo de Indianos.

PITA FREITAS FILHO, Almir, 1986 – "As oficinas e armazém d´optica e instrumentos scientíficos de José Maria dos reis e José Hermida Pazos (negociantes, ilustrados e utilitários em prol do desenvolvimento da ciência no Brasil)", Relatório final de pesquisa, Museu do Observatório Nacional/CNPq, Rio de Janeiro.

SARMIENTO, Érica, 2006 – *O outro Río. A emigración galega a Río de Xaneiro*. Santa Comba/Santiago de Compostela: 3C3 editores.